

Desmond Derbyshire (1924–2007)

Geoffery K. Pullum
Universidade da Califórnia em Santa Cruz

Introdução pelos Organizadores

Em seu obituário sobre Desmond Derbyshire, Prof. Dr. Geoffrey Pullum descreve-o como um pesquisador incansável, um lingüista capacitado, um cristão dedicado e um ser humano formidável.

Desmond Cyril Derbyshire, estudioso pioneiro da lingüística no Amazonas, faleceu em paz enquanto dormia às 5:30 da manhã no dia 19 de dezembro de 2007, aos 83 anos de idade.¹ Na sua ilustre carreira acadêmica, nunca teve uma posição fixa em um departamento universitário. Seu trabalho em lingüística era dividido entre pesquisa de campo na Amazônia, a tradução da Bíblia para a língua Hixkaryana, a escrita e edição de livros e artigos sobre as línguas da planície amazônica e do altiplano das Guianas, bem como o serviço em funções educacionais e administrativas no *Summer Institute of Linguistics*.

Des nasceu no condado de Durham, no norte da Inglaterra, no dia 10 de setembro de 1924. Não frequentou a universidade após concluir o formação secundária, mas recebeu treinamento em contabilidade. Foi enquanto estava trabalhando como contador licenciado, no início dos

¹Esse obituário, escrito por Geoffrey Pullum, apareceu pela primeira vez na LINGUIST LIST: vol.19-1, de 3 de Janeiro, 2008 (veja <http://www.linguistlist.org/issues/19/19-1.html>). A permissão de uso foi concedida pelo autor e pela *Linguist List*.

anos 1950, que um amigo seu, missionário na América do Sul, convidou Des e sua esposa Grace para irem de férias visitá-lo – convite que eles aceitaram. Durante suas férias na selva, no local que agora é a Guiana, algo aconteceu com Des que literalmente mudou sua vida.

Uma tarde, Des decidiu retornar sozinho de uma aldeia para a outra, mas se perdeu na mata. Tentou retrair seus passos, mas não adiantou. Ficou vagando sem rumo até depois de escurecer e começou a ficar bastante preocupado. Não havia sinal nenhum de trilhas e nem havia moradores por toda a área. E havia andado por quilômetros! Não tinha o que comer ou beber, nem nada que pudesse usar para sua sobrevivência, e estava perdido sem esperanças em uma floresta aparentemente sem saída. Passou a noite cercado pelos estranhos sons da selva tropical da América do Sul, sabendo que poderia morrer lá e nunca ser encontrado. E, no silêncio de suas orações, fez uma promessa: se fosse resgatado daquela situação e voltasse para Grace e seus amigos, dedicaria o resto da sua vida para a obra de Deus.

Finalmente, a manhã chegou e Des pode observar algo que não havia conseguido notar na noite anterior: mais ou menos a 400 metros de onde estava, podia ver um rio através das árvores. Os rios são estradas na floresta da América do Sul. Foi até lá e se sentou no barranco. Mais tarde, naquela manhã, foi encontrado por pessoas que estavam a sua procura em um barco.

Des não precisava confessar para ninguém a promessa que fizera a Deus em silêncio naquela noite. Mas sempre cumpria todas suas promessas. A seu ver, tinha contraído uma obrigação irrevogável para o resto de sua vida. Ele voltou para a Inglaterra, desistiu de seu trabalho de contador, fez o curso de treinamento da SIL em lingüística básica de campo e tradução da Bíblia e voltou com Grace para o Brasil para morar na tribo Hixkaryana, na aldeia de Kasawa perto do rio Nhamundá (um afluente do rio Amazonas vindo dos altiplanos das Guianas).

As condições de vida eram primitivas e ninguém de fora sabia muito sobre a língua além da sua classificação genética, que era do ramo Guiana do Sul da família Caribe. Na época, havia apenas cerca de cem falantes e a sociedade estava desmoralizada e decaída por causa das doenças que haviam sido introduzidas lá. Entre 1959 e 1975, Des e Grace moraram como os Hixkaryana por longos períodos de tempo, totalizando mais de sete anos, enquanto se esforçaram para aprender a língua. Passaram o restante de seu tempo trabalhando com análises descritivas, a tradução da Bíblia em centros da SIL ou, então, na Inglaterra levantando sustento financeiro. (Espera-se que os membros da SIL mantenham seu próprio trabalho com as doações levantadas em suas igrejas, apenas sendo

ajudados com uma quantia complementar quando as doações não estão de acordo com o exigido para um padrão mínimo de vida).

A história mais surpreendente que Des contou sobre o longo período de tempo em que trabalhou na aldeia Hixkaryana teve a ver com certo dia do mês de novembro de 1965. Ele havia acordado cedo e tinha começado a trabalhar na análise lingüística como sempre, mas, nesse dia, ouviu o inesperado som distante do motor de um hidroavião Norseman, que o *Summer Institute of Linguistics* usava para viajar pela região amazônica do Brasil. Achou estranho que o avião estivesse vindo para a aldeia sem aviso prévio. Observou o avião dar uma volta e pousar em frente da sua casa. Quando o motor havia sido desligado e a porta do piloto aberta, Des perguntou ao piloto o motivo da viagem. O piloto da SIL sorriu e disse: “Robert Kennedy está no avião”. Des olhou para o banco dos passageiros e lá estava Robert F. Kennedy, o senador de Nova Iorque.

Robert Kennedy passou três dias entre os Hixkaryana, vivenciando o dia-a-dia do povo e conhecendo Des e Grace, bem como o seu trabalho. Kennedy foi um hóspede excelente, participando de todas as atividades da aldeia, mesmo as mais difíceis, sem reclamar. Certa tarde, enquanto Des e Kennedy estavam tomando banho no rio Nhamundá, Kennedy perguntou para Des: “Qual é o nome desse rio?”. Des respondeu: “Nhamundá”. Kennedy disse: “Quero me lembrar desse nome, porque, aqui, nesse rio, decidi me candidatar a Presidente dos Estados Unidos”. (E foi isso que fez, anunciando sua candidatura no final de março de 1968, quando ficou claro que o apoio ao então presidente Johnson não era forte. Ele foi assassinado três meses depois, logo após ter ganhado as primárias da Califórnia).

Ao se preparar para subir no avião e partir no terceiro dia, voltou-se para Des e disse: “Sabe, muitas pessoas diriam que não vale a pena você gastar sua vida com essas pessoas, com toda sua educação, isolado aqui na floresta”. E continuou dizendo o quanto admirava Des por seu trabalho e por acreditar que o povo Hixkaryana era digno de seu esforço.

De fato, Des acreditava que os Hixkaryana eram dignos de seu investimento. Trabalhou por mais dez anos no Brasil e completou a tradução de todo o Novo Testamento, enviando-o para ser publicado (anonimamente) sob o título *Khoryenkom Karyehtana*: “O Novo Testamento na Língua Hixkaryana”. Depois, em 1975, decidiu que era hora de aprender mais sobre a lingüística corrente, decidindo se candidatar para o doutorado na University College de Londres (UCL). Precisava de uma licença especial da Universidade de Londres para ser admitido para o doutorado (não tinha se formado em nenhuma universidade). Mas Neil Smith, chefe da seção de Lingüística (de

inclinação teórica), decidiu admiti-lo por causa do seu treinamento lingüístico e do interessante conhecimento que já possuía de uma língua (não indo-européia). Por sugestão de Neil, apesar de Des ser bem mais velho que eu, me tornei seu orientador de fato, mas não de direito (oficialmente, não podia orientar um doutorando, porque era um professor convidado e não membro do Colegiado).

Nunca havia conhecido um aluno tão dedicado, consciente e meticuloso. Seu conhecimento prévio era um rico recurso e me interessou grandemente. Durante o ano de 1975, eu havia feito um estudo de toda literatura que pude encontrar sobre as línguas que supostamente apresentariam objeto inicial na ordem básica de constituintes em cláusulas canônicas e concluí que a ordem básica não era genuinamente objeto-inicial em nenhuma das línguas. Decidi que não havia nenhuma língua na qual a ordem fixa dos constituintes era, em vez do caso, o indicador chave das relações gramaticais em cláusulas simples e que em nenhuma delas a ordem normal, em contextos não condicionados por fatores de discurso especiais, era OSV ou OVS.

Mencionei isso em uma palestra na UCL no outono de 1975, durante as primeiras semanas de Des como aluno de pós-graduação. Des levantou sua mão e disse educadamente que achava que a língua com a qual estava trabalhando poderia ser uma exceção, já que OVS era a ordem normal. Minha resposta foi dizer que provavelmente seria uma língua SOV com um recuo opcional do sujeito, mas que conversaríamos mais tarde para determinar os fatos.

Ao falarmos sobre o assunto cuidadosamente durante as semanas seguintes, ficou claro para mim que o Hixkarayana não era nenhuma exceção parcial; esse era o primeiro contra-exemplo sólido com o qual havia me deparado. Continuar investigando me parecia uma perspectiva mais interessante do que tentar proteger minhas opiniões prévias de serem desconstruídas pelo meu aluno.

O Hixkaryana tem uma ordem de palavras extremamente restrita. As cláusulas transitivas têm um constituinte de frase verbal OV fortemente ligado, que geralmente é seguido pelo SN do sujeito. Des já havia dito isso em um artigo denso de 1961, que eu não havia visto (*IJAL* 27:125-142), repleto de fórmulas obscuras no estilo da estrutura do teoria de Kenneth Pike, a tagmêmica, sobre o qual pouco sabia. Minha especulação sobre a ordem SOV ser a mais básica foi completamente refutada: a evidência apontava o contrário. A ordem SOV não era comum e, quando encontrada, geralmente vinha acompanhada por sinais claros (como partículas de foco) que tornavam o contexto do discurso especial. A

ordem SOV era o resultado do fronteamo do sujeito com o intuito de ênfase ou contraste, não era normal ou neutra.

Havia textos disponíveis que confirmavam esses fatos: Des havia publicado uma coleção de estórias transcritas por falantes nativos sob o título *Textos Hixkaryana*, em 1965. Mas também havia um texto bilíngüe comparativo, bem contextualizado, disponível: as primeiras cópias encadernadas do *Khoryenkom Karyehtana* haviam chegado ao Brasil. A tradução havia sido verificada junto com falantes nativos que aprovaram a gramática e o estilo do texto anos antes de Des saber que a ordem OVS não poderia ser contestada. Portanto, o preparo desse material não havia sido influenciado por nenhum ponto de vista lingüístico.

Selecionamos as cem primeiras cláusulas transitivas da versão do inglês moderno do Evangelho de Mateus e contamos a frequência da ordem constituinte OVS nas sentenças correspondentes da tradução Hixkaryana. O resultado surpreendeu a nós dois: a frequência foi de cem por cento.

Encorajei Des a escrever um pequeno artigo para a *Linguistic Inquiry* demonstrando o que parecia ser o primeiro caso de uma língua com ordem fixa OVS. Orientei-o sobre o esboço e estilo de um artigo desse tipo, mas ele não precisou de muita ajuda. Des escreveu em uma prosa científica impecável e o artigo foi aceito imediatamente. Foi publicado em 1977 (*LI* 8:590–599). Também persuadei Des a preparar um artigo resumindo a tipologia sintática do Hixkaryana para ser apresentado na Associação Lingüística da Grã Bretanha (primavera de 1977). Já que estava no Brasil quando a reunião aconteceu, tive o privilégio de apresentar o texto por ele.

Uma breve reportagem apareceu no *Sunday Times* sobre o fato de uma língua OVS ter sido descoberta. E, na semana seguinte, para minha irritação, surgiu uma carta de alguém dizendo que isso não era novidade, acontecia no alemão. Aparentemente, não era fácil convencer o público geral disso: não era sobre o que era permitido, mas o que era típico. Ninguém acharia normal dizer em alemão à pessoa amada “Dich liebe ich” ao invés de “Ich liebe dich”.² No Hixkaryana, OVS era a ordem básica, comum das frases e não apenas uma variação estilística permissível. Então, Des e eu aprendemos um pouco sobre a dificuldade de apresentar a lingüística para o público geral.

O trabalho historicamente importante de John Hemming, *Red Gold: The Conquest of the Brazilian Indians*, foi publicado em 1978 e o *Sunday Times* pediu que um crítico literário conservador escrevesse uma resenha. Des e eu ficamos atônitos com o resultado. A resenha começou com o crítico descrevendo uma charmosa ópera cômica portuguesa do século 17 que havia acabado de assistir, observando como a prosperidade portuguesa

²Tradução: “Eu amo você”.

havia sido construída sobre os ganhos obtidos com as conquistas brutais além mar. Depois, descreveu um pouco do horrível catálogo de genocídio de Hemmings. E, finalmente, levantou a seguinte pergunta: se o extermínio dos indígenas brasileiros pelos portugueses havia sido justificado ou não. Deu sua opinião que sim, porque o nível cultural baixo e as “vidas profundamente desinteressantes” dos indígenas não alcançavam o padrão da arquitetura e da música que a civilização ocidental havia produzido.

Des e eu ficamos chocados com isso e nós dois enviamos cartas para o editor. A minha carta condenava o crítico como um racista cruel e ignorante. A carta de Des foi diferente. Ele escreveu de forma comovida sobre como havia morado entre os indígenas brasileiros, como os valorizava como amigos e professores e como havia aprendido muito com eles, concluindo que o crítico estava enganado. Não havia ressentimentos. O *Sunday Times* publicou a carta de Des, mas não a minha. Des gostava de contar essa história (Dan Everett me disse) porque tinha orgulho de ter ganhado (para sua surpresa) uma competição na qual eu estava envolvido. Também gosto dessa história: acredito que o *Sunday Times* acertou ao publicar a carta de Des, com sua experiência de primeira mão, generosidade e racionalidade serena. Essa situação me ensinou um pouco sobre o poder do modo quieto e gentil de Des lidar com as pessoas e com os problemas.

Logo depois, foi anunciada uma série que deveria conter monografias descritivas que seriam escritas de acordo com o formato do formulário tipológico elaborado por Bernard Comrie e Norval Smith. Indiquei para Des que essa seria uma forma direta de conseguir publicar uma gramática Hixkaryana e ele imediatamente começou a trabalhar nessa direção. Enquanto isso, desenvolvia idéias tipológicas e teóricas que queria explorar à parte na sua tese de doutorado – ninguém sabia nada sobre o que esperar em relação aos padrões sintáticos de uma língua objeto-inicial. Agora ele tinha dois projetos em andamento, cada um do tamanho de um livro.

Um dia, no início do verão de 1979, Des me disse que iria buscar as cópias encadernadas da sua tese na Universidade de Londres. No seu caminho de volta, ao me trazer uma das cópias, parou para pegar suas cartas na secretaria do departamento, descobrindo que a revista *Lingua* havia enviado a ele a cópia do autor da monografia que havia feito para a revista – era a primeira da nova série descritiva da *Lingua* – então me trouxe uma dessas também. Fez isso antes de pegar um avião no próximo dia: estava a caminho de Dakota do Norte para dar aulas no curso de verão da SIL.

Des havia conseguido, sem estardalhaço, concluir seu doutorado, publicar um novo livro (um trabalho completamente diferente) e partir para dar aula em outro continente, tudo em vinte e quatro horas.

Passou por minha mente, na época, que esse seria o curso que poderíamos imaginar que uma vida seguisse se estivesse sendo direcionada e planejada por um poder onisciente e onipotente mais alto. Mas, fazendo um balanço, acho que assumir que houve intervenção divina nos duas diferentes encadernações, significaria subestimar o planejamento calmo e eficaz de Des para sua vida. Sempre foi confiável, sempre cumpria prazos e alcançava expectativas. Também trabalhava com uma disciplina, exatidão e inteligência que permitiam que produzisse um material excelente sem ter que fazer inúmeros rascunhos.

Eu havia conseguido um financiamento para Des trabalhar com o Hixkaryana e, depois de ter completado seu doutorado, preparamos outro pedido para estudar outras línguas da bacia amazônica e áreas próximas a fim de verificar se haviam mais línguas objeto-inicial a serem descobertas. Nosso projeto foi financiado e produziu resultados. Conseguimos informações sobre cerca de doze casos de línguas virtualmente desconhecidas pela ciência lingüística que aparentemente tinham uma ordem básica OVS ou OSV. Algumas eram da família Caribe, mas outras pertenciam a outras famílias da Amazônia. Des foi para o Brasil para procurar literatura desconhecida em português e trabalhos não publicados por membros da SIL no Brasil. Eu consegui permissão para trabalhar na sala de leitura do museu britânico para que pudesse consultar os trabalhos de um antropólogo alemão, Koch-Gruenberg, que, no século XIX, havia anotado dados de uma língua caribe que obviamente era OVS (Hianacoto). Escrevemos um artigo em conjunto sobre as línguas objeto-iniciais que foi publicado em 1981 (*IJAL* 47:192–214) e começamos a trabalhar em uma série de volumes que formariam o *Handbook of Amazonian Languages* (HAL).³

No final do primeiro ano do nosso financiamento, tínhamos publicado nove trabalhos e um registro impressionante de nossos feitos para apresentar ao Conselho de Pesquisa de Ciência Social, que logo tomou sua decisão: o financiamento foi negado para o segundo ano, porque tínhamos feito demais! A idéia aparentemente era que quem progredisse significativamente não seria mais financiado. Fiquei furioso com essa decisão míope (essa decisão me influenciou fortemente a desistir do meu trabalho na Grã-Bretanha e ir trabalhar na Califórnia durante a maior parte das três próximas décadas) e senti que havia desapontado Des porque, na época, o financiamento era sua única forma de sustento. Mas Des, sempre mais calmo e centrado do que eu, aceitou a decisão sem

³Manual das Línguas Amazônicas.

ressentimentos e voltou a trabalhar para a SIL. Tornou-se um administrador veterano no braço acadêmico da SIL com base em Dallas, Texas.

O trabalho que Des começou em 1977 basicamente estabeleceu a lingüística amazônica como uma significativa subárea. Com relação à sintaxe, pelo menos, não se sabia quase nada ou não havia nada disponível sobre qualquer língua amazônica em meados de 1970. A situação é bastante diferente hoje. Até 1998, através de uma colaboração à distância e visitas ocasionais, Des e eu tínhamos editado e publicado quatro volumes do HAL. Devíamos a maioria do conteúdo a Des, que trabalhou pacientemente com membros da SIL para encorajá-los a escreverem descrições gramaticais, persuadi-los a concluírem e enviarem seus trabalhos, para depois editar e revisar meticulosamente cada um deles. Meu papel era praticamente secundário (pesquisa de mesa sobre o material geral da Amazônia e suas línguas, escrevendo a maioria das introduções dos quatro volumes e lidando com o publicador).

Uma contribuição que Des me pediu para o volume 1 foi a descrição de 200 páginas feita por Daniel Everett de uma língua geneticamente isolada, o Pirahã, que desde então se tornou conhecida por causa do trabalho de Everett. Várias outras contribuições também foram quase do comprimento de uma monografia e descreviam, detalhadamente, algumas línguas fascinantes e geneticamente diversas.

Tudo que Des recebeu pelos direitos autorais desses quatro volumes foi usado para o trabalho da SIL com a lingüística amazônica. Por isso, doe toda minha parte para um fundo de apoio à lingüística amazônica na Universidade da Califórnia, Santa Cruz, que foi usada para cobrir pequenas doações ocasionais, incluindo bolsas de estudo para dois alunos brasileiros que freqüentaram o Instituto Lingüístico, em 1991.

Com o tempo, outros começaram a contribuir como a subárea ainda em desenvolvimento da lingüística amazônica, alguns diretamente influenciados por Des e outros por conta própria. Uma coleção importante de artigos sobre as línguas da planície amazônica foi publicada em 1990 sob a edição de Doris Payne, um membro dinâmico da SIL (agora professora de tempo integral de lingüística na Universidade de Oregon), com quem Des havia conseguido duas ótimas contribuições para o HAL. Des tentou encontrar lingüistas acadêmicos brasileiros para escreverem materiais descritivos sobre as línguas amazônicas, mas não foi até 1998 que finalmente conseguimos encontrar um: uma grande contribuição de uma lingüista que não era da SIL, Alexandra Aikhenvald (uma russa com cidadania brasileira), que foi publicada no volume 4 do HAL. Alunos brasileiros de lingüística começaram a se inscrever em programas

americanos de pos-graduação (alguns foram para o MIT para trabalharem com Ken Hale). Em 2000, Lucy Seki, cujo trabalho ouvi pela primeira vez através de Des, tornou-se a primeira lingüista nascida no Brasil a publicar uma gramática do tamanho de um livro sobre uma língua amazônica (o Kamaiurá).

Provavelmente, o efeito mais significativo do trabalho de campo de Des foi o primeiro volume do HAL, que chamou a atenção do lingüista australiano Robert M. W. Dixon, previamente conhecido por seu trabalho sobre as línguas australianas aborígenes e as austronésias, que (segundo me contou) achou o material lingüístico tão fascinante que resolveu ir trabalhar na Amazônia. Foi exatamente isso que ele fez durante a próxima década. O levantamento das línguas amazônicas que Dixon fez com Aikhenvald para a Editora da Universidade de Cambridge foi publicado em 1999 e seu livro sobre a língua Jarawara da Amazônia ganhou o Prêmio Leonard Bloomfield de Livros da LSA,⁴ em 2005.

No final de sua vida, Des mudou-se para Hampshire na Inglaterra, onde um mantenedor seu havia disponibilizado uma casa para ele. Lá, sua esposa Grace faleceu, no dia 7 de setembro de 1997. Foi um golpe doloroso, privando-o da pessoa que havia sido sua companheira mais próxima durante mais de cinquenta anos. Desse dia em diante, apesar de ainda estar envolvido com a lingüística acadêmica (estava agendado para ir à Holanda no dia 30 de janeiro de 2008 para uma reunião de doutorado a respeito da tese de Henk Courtz sobre a língua Caribe), passou a maior parte de seu tempo trabalhando com a tradução do Velho Testamento em Hixkaryana, ocasionalmente visitando a aldeia Hixkaryana no Brasil para consultar falantes nativos.

Seu trabalho com os Hixkaryana foi bem sucedido em vários sentidos. Linguisticamente, foi extraordinariamente produtivo e valioso. Com relação à tradução da Bíblia, realizou sua publicação. Quanto ao trabalho missionário, pelo menos parte da aldeia começou a se dizer cristão. Des me mostrou uma vez (e traduziu para o inglês, por minha sugestão) um diário em Hixkaryana mantido por um amigo próximo seu, o Uchunu, que havia ficado bem doente (com um câncer que eventualmente o levou a falecer) e fez uma viagem longe do Nhamundá para tratamento médico em Belém e, mais tarde, em Manaus. Uchunu registrou que havia encontrado brasileiros, falantes do português, em uma pensão, que haviam zombado dele por acharem que era um selvagem ignorante, deslocado da floresta. Ele escreveu com grande satisfação que pode dizer a eles que era de fato um cristão. É claro que o respeito nunca deveria depender da religião de ninguém. Mas seria ainda menos respeitoso para Uchunu ignorar seu próprio ponto de vista: viu seu posicionamento como

⁴*Linguistic Society of America* (“Sociedade Lingüística da América”).

cristão praticante como parte significativa e positiva de seu senso de ser e de valor.

Independente do ponto de vista em relação ao trabalho missionário, deve-se ter em mente que os Hixkaryana tiveram sorte da sua primeira interação a longo prazo, com o mundo moderno, ter sido com esse casal de missionários gentis, Des e Grace. Como se sabe, muitos grupos ameríndios tiveram bem menos sorte. Des amava o povo Hixkaryana, respeitava sua inteligência, bondade, generosidade, habilidades práticas; se deleitava com a língua deles; e se preocupava com seu bem estar. Saíram-se muito bem nos cinquenta anos em que Des os conheceu, a sociedade deles está bem maior do que era quando Des e Grace chegaram. De uma população desmoralizada e em perigo de extinção em 1959, com cerca de 100 membros, poucas crianças e uma alta taxa de mortalidade, cresceram para cerca de 600, com acesso a medicina moderna, casamentos frequentes com a tribo Waiwai, altas taxas de alfabetização e uma escola com professores Hixkaryana, além de um negócio de castanha-do-pará financiado pelo governo brasileiro.

As repetidas viagens de Des até os Hixkaryana nunca pararam até ele estar fraco demais para viajar. Se tivesse tempo suficiente, tenho certeza que teria concluído a tradução do Velho Testamento para o povo e feito mais trabalhos sobre a gramática da língua fascinante deles para nós, lingüistas. Mas o tempo dele acabou.

Pessoalmente, sentirei falta dele e creio que todos que o conheceram também. Nunca encontrei ninguém que o conhecesse e não gostasse dele e o respeitasse. Os Hixkaryana perderem seu amigo de fora mais íntimo e seu advogado. Mas, por causa de seus esforços, a língua deles e sua cultura lingüística nunca desaparecerão sem terem sido registrados como aconteceu com várias línguas indígenas. A SIL e a *Wycliffe Bible Translators* perderam um administrador e tradutor dedicado. Nós, lingüistas, perdemos um trabalhador de campo de primeira, um estudioso eminente das línguas Caribes, um lingüista descritivo e comparativo, e um grande ser humano.